

ESTUDOS MARISTAS, N.1

QUEM SERÁ O LEGÍTIMO SUCESSOR DE Marcelino Champagnat?

IRMÃO ANDRE LANFREY



ESTUDOS MARISTAS, N.1

QUEM SERÁ O
LEGÍTIMO SUCESSOR DE
Marcelino Champagnat?

IRMÃO ANDRE LANFREY



2021

Expediente:**Província Marista Brasil Centro-Sul (PMBCS)***Superior Provincial*

Irmão Benê Oliveira

Diretor Executivo

June Allison Westarb Cruz

Diretor de Identidade, Missão e Vocação

José Leão da Cunha

Diretor Memorial Marista

Dyogenes Philippsen Araujo

Colaboradores*Edição e revisão*

Angelo Ricordi

João Luis Fedel Gonçalves

Tradução

Lafayette Megale

Diagramação

Eneo Lage

Lara Pessôa

Dados da catalogação na publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI-PUCPR
Biblioteca Central
Edilene de Oliveira dos Santos CRB 9 /1636

Lanfrey, Andre

L268q
2021 Quem será o legítimo sucessor de Marcelino Champagnat / Andre Lanfrey,
Província Marista Brasil Centro-Sul. -- Curitiba, Memorial Marista, 2021.
27 p. : il. ; 24 cm. – (Estudos Maristas; n.1)

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87802-53-4

1. Santos cristãos – Biografia. 2. Irmãos Maristas. 3. Champagnat, Marcelino
José Bento, Santo, 1789-1840. I. Província Marista Brasil Centro-Sul. II. Título.

21-076

CDD 23. ed. – 922.22



PT - Por gentileza, ao receber esse livro, digitalize o **QR Code**. Se for do seu interesse, você também poderá avaliar a obra. Obrigado.

EN - When you receive this book, please, scan the **QR Code**. If it is of your interest you can also evaluate this work. Thank you.

ES - Por gentileza, al recibir este libro, escanea el **QR Code**. Si es de su interés usted también podrá evaluar esta obra. Gracias.

FR - Lorsque vous recevez ce livre, scannez le **QR Code**. Si cela vous intéresse, vous pouvez également évaluer ce travail. Merci.



QUEM SERÁ O LEGÍTIMO SUCESSOR DE MARCELINO CHAMPAGNAT?

1. A complexa decisão do Fundador no decurso de sua última doença (1839-1840)

Pelo decreto *Omnium Gentium*, publicado em 29 de abril de 1836, o papa Gregório XVI aprova os padres maristas com o nome de Sociedade de Maria, mas não os demais ramos que serão, entretanto, considerados como moralmente filiados a ela. Essa situação ambígua será uma das principais causas do problema da sucessão de que falarei amplamente. Do ponto de vista canônico, a Sociedade de Maria é constituída em 24 de setembro de 1836, tendo o Pe. Colin como superior eleito pelos Padres Maristas, de que Marcelino Champagnat era membro, que, em seguida, pronunciam seus votos religiosos. No início do mês de outubro, em l'Hermitage, por ocasião de um retiro pregado pelos Padres Colin e Convert, os Irmãos pronunciam pela primeira vez votos públicos. Mas sua nova fórmula de engajamento “*ao Superior da Sociedade dos Irmãos de Maria*” é ambígua: esse superior seria o Padre Champagnat ou o Padre Colin? A renúncia de Champagnat ao cargo de superior do ramo dos Irmãos um ano mais tarde, em 18 de setembro de 1837, não mudará minimamente um fato fundamental: canonicamente falando, o ramo dos Irmãos depende do arcebispado de Lyon e tem fundador próprio: além disso, sua história e seu espírito têm diferenças significativas com a história e o espírito dos padres.

A doença e a morte de Champagnat ocorrem, então, num contexto de tensão entre Colin e Champagnat sobre a natureza da Sociedade de Maria e, em particular, sobre o estatuto do ramo dos Irmãos. O Testamento Espiritual de 18 de maio de 1840 e o falecimento de Champagnat resolverão provisoriamente essas questões de fundo determinando claramente Jean-Claude Colin como sucessor legítimo e superior de toda a Sociedade de Maria. Mas essa unificação será mais formal do que profunda e encontrará sua solução numa separação amigável nos anos 1852-1863. Fica claro que existem duas concepções da Sociedade de Maria, com uma rivalidade institucional e uma crise de sucessão que eu diria terem sido reveladas pela doença e pela morte de Champagnat que, na urgência, impuseram soluções provisórias.

2. O complicado relacionamento entre Jean-Claude Colin e Marcelino Champagnat entre 1836 e 1840

Graças ao acervo de fontes intitulado “*Colin sup*”¹ podemos acompanhar os principais episódios da implantação de uma Sociedade de Maria em que, além das questões de fundo já mencionadas, os problemas materiais e administrativos têm um impacto considerável.

Pouco antes do reconhecimento da Sociedade de Maria, em 13 de outubro de 1835 (OM4/903-904) Champagnat e os Padres de Valbenoîte formaram uma sociedade presidida pelo Pe. Rouchon, pároco e proprietário. Sua contribuição em bens móveis e imóveis é de 6.000F. A parte do Pe. Séon, padre marista, atinge 10.000F em espécie e mobiliário; Pierre Colin, irmão mais velho de Jean-Claude, tem como capital apenas «sua indústria». O Pe. Champagnat oferece à sociedade l’Hermitage e La Grange Payre, um capital de 15.000F em bens móveis e imóveis. Mas “ele manterá a administração particular desses bens durante toda sua vida”. Em carta datada de 6 de novembro de 1836, apreensivo com uma boa gestão, Colin pedirá a Champagnat para entregar a ele uma cópia do ato aqui lembrado (*Colin sup*, doc. 6). Desse modo, até 1835 todos os bens do ramo dos Pequenos Irmãos de Maria são propriedade pessoal de Champagnat. O fato de ele ter-se tornado religioso em 1836 não o impediu de continuar a administrar esses bens. É somente a perspectiva de sua morte próxima que virá a impor em 1840 a constituição de uma nova sociedade composta por Champagnat mais seis Irmãos.

Não é apenas a respeito da administração dos bens que o Pe. Colin, em carta de 11 de agosto de 1837 (*Colin sup*, doc. 15) faz uma crítica dura sobre o modo de governar do Pe. Champagnat.

Sinto-me pressionado a aconselhar você a suspender por três meses todos os projetos, a ocupar-se apenas em dar uma boa formação a seus irmãos e consolidar sua casa-mãe e seus estabelecimentos particulares e a colocar em tal ordem seus negócios de modo que, caso você venha a falecer dentro de três meses, tudo fique em regra [...] Sua saúde terá melhoras e sua alma também.

1 O subtítulo do volume 1 publicado pelo Pe. Gaston Lessard em Roma, em 2007, é: “*Documentos para o estudo do generalato de J. C. Colin (1836-1842)*”.

Aos olhos do novo superior da Sociedade de Maria, Champagnat tem um comportamento marcadamente de um homem de negócios, pouco rigoroso em sua gestão e negligente na formação de seus discípulos. Deduz-se ainda nessa proposta uma certa inquietação quanto à saúde de seu coirmão. Essas críticas contribuirão certamente na demissão de Champagnat como superior dos Irmãos em 18 de setembro no final do retiro dos Padres Maristas. Em 29 de setembro (*Col. sup*, doc. 18) Colin afirma com maior clareza ainda a Champagnat preocupação com seu estado de saúde: “Reze muito para que o Bom Deus me conceda meios para lhe dar um auxiliar o mais breve possível². Peço a ele essa graça todos os dias. Sinto que você precisa de um apoio”.

Uma carta de 27 de outubro de 1837 terá um tom bem diferente: Colin exige de Champagnat que mande para “crianças pertencentes a famílias seletas” irmãos bem formados e de virtude comprovada para servir no colégio dos Padres de Belley:

É preciso que as casas dos padres sejam bem servidas e que para tanto, se for preciso, reduzamos o número de estabelecimentos”. E ele acrescenta: “Penso numa grande reforma no governo e na conduta dos irmãos [...] Suas ideias me parecem fixas demais em alguns pontos e duvido de que nesse assunto, você esteja fazendo a vontade de Deus”. Um desses pontos é a falta de união eclesial: “Evite tratar dos negócios de modo rude; evite igualmente todo tipo de comentário jocoso que eu considero totalmente oposto ao espírito religioso.

O ano de 1838 termina sem novidades porque Champagnat fica em Paris por mais de seis meses ocupado com a questão da autorização legal do Instituto. É nesse momento que se consolida o papel do Irmão Francisco como administrador³. O ano de 1839 se passa, ao contrário, sob o signo do conflito, com uma carta ameaçadora de 22 de fevereiro (*Colin sup*, doc. 60) que censura Champagnat por não ter mandado irmãos a Verdelaix, na diocese de Bordeaux, para dar apoio ao Pe. Chanut. Foi a oportunidade para Colin deixar claro seu pensamento sobre o ramo dos Irmãos dentro da Sociedade de Maria:

2 Esse padre será M. Chanut que ficou em l’Hermitage em 1837-38. Mas isso se deu porque não quiseram mais saber desse sacerdote bastante desequilibrado no internato de La Favorite.

3 O Pe. Colin o felicita expressamente em sua carta de 27 de outubro de 1837.

Um irmão a serviço dos padres da Sociedade faz vinte vezes um bem maior, no meu ponto de vista, do que numa comuna em que, graças a Deus, não faltam meios para a instrução da juventude hoje em dia. Mas você nunca conseguiu compreender direito esta ordem e este objetivo da sociedade⁴”.

Fica patente uma divergência fundamental entre dois Maristas de primeira hora e dois fundadores. Para Colin, o ramo dos Irmãos não é um plano primitivo da Sociedade e os Irmãos educadores são uma criação particular de Champagnat que não tem utilidade apostólica por si mesma. Como muitos homens da Igreja de seu tempo, Colin não dá a menor importância à educação dos meios populares. Quanto a Champagnat, mesmo tendo afirmado claramente que os Irmãos eram apenas um ramo posterior da Sociedade de Maria (conf. *Cartas de 1827 e Vida*), ele não concebe esta sem Irmãos dedicados ao ensino popular. Em consequência, ele se torna um obstáculo a uma reorganização da Sociedade de Maria na visão do Pe. Colin.

E este obstáculo é enorme! Mesmo se o poder econômico que ele representa for um dado secundário, ele não pode ser negligenciado. Principalmente, porque o ramo dos Irmãos tem um crescimento rápido e Champagnat goza junto a seus numerosos discípulos do prestígio de um fundador. Considerado como superior da congregação de Irmãos da diocese, ele é fortemente apoiado pelo arcebispado.

Cada vez mais, e contrariando as ideias de Colin, a educação popular é considerada como uma causa prioritária e Champagnat é personagem de destaque como precursor nesse campo. Afinal, se a Sociedade de Maria está apenas dando um primeiro passo para instalar seu centro na diocese de Lyon, Champagnat estava lá desde sempre. Ele tem apenas um empecilho, mas muito grave: ele não consegue a autorização legal de seu Instituto. E as negociações fracassadas serão a principal causa de sua doença e de sua morte prematura em 1840. E por isso mesmo, a ausência do estatuto oficial obrigará Champagnat a fazer do Pe. Colin seu sucessor. Mas em 1839, isso ainda não havia acontecido.

4 E ele convida Champagnat a fazer um retiro de três dias para se humilhar por não ter feito a vontade de Deus.

3. Construção de uma narrativa da doença e da morte de Champagnat

A circular de 6 de junho de 1840, na qual o Irmão Francisco anuncia às comunidades o falecimento do Fundador, termina com essas palavras: “A Casa-Mãe enviará a cada estabelecimento detalhes das circunstâncias da doença e da morte de nosso bom Pai Superior. Seu retrato foi tirado ao natural e lhes será enviado na primeira oportunidade”.

O retrato é o do pintor Ravery, do qual uma cópia litografada só será entregue aos Irmãos bem mais tarde. Quanto à narrativa anunciada, ela certamente nunca foi enviada. Com efeito, no dia 20 de novembro de 1840, o Irmão Francisco e seus assistentes, numa circular aos Irmãos da Polinésia, ao anunciar especificamente a morte de “*nosso Pai e nosso Superior*”, contenta-se com estas palavras:

Ele adormeceu no seio de Deus no sábado, 6 de junho, vigília de Pentecostes, às 4h30 da manhã, após três quartos de hora de uma agonia tranquila. Sua última doença o havia esgotado e abatido tanto que ele parecia antes um esqueleto vivo. Sua morte, como sua vida, foi cheia de edificação. Não temos dúvida de que ela foi muito preciosa aos olhos do Senhor.

Esse é aparentemente o primeiro texto escrito a respeito da doença e da morte do Pe. Champagnat. E se houvesse um texto mais elaborado, ele teria sido anexado às cópias do Testamento espiritual e da circular de 6 de junho de 1840, em que fora anunciada a remessa. Entretanto, pouco antes, na circular de 8 de setembro de 1840 (*Circulares*, tomo 1, p. 43), ao convidar os Irmãos para o retiro, o Irmão Francisco prenuncia a perspectiva em que ele se realizará: “Nós o reencontraremos (o Fundador) nos monumentos de seu zelo e de sua entrega por nós, na recordação de suas piedosas lições, nas trocas de ideias entre nós sobre suas virtudes e seus santos exemplos”.

No retiro de outubro os superiores lembraram a doença e a morte do fundador de modo bastante preciso para os Irmãos das escolas, certamente ávidos por saber de detalhes. Eles sequer poderiam falar sem um mínimo de anotações, sobretudo para comentar as exortações de Champagnat. Além disso, certamente alguns Irmãos anotavam, eles mesmos, o que ouviam. Paradoxalmente, é a narrativa da doença e da morte de Champagnat que se tornará a primeira manifestação do projeto de compilar a documentação mais completa possível sobre sua vida. As poucas linhas enviadas aos Irmãos da Polinésia sobre o final da vida do Pe. Champagnat são o eco do que foi dito no decorrer do retiro de outubro ao mesmo tempo que o ponto de partida para o texto da *Vida*.

Ao redigir a seção final da vida de Champagnat, nos anos 1850-56, o Irmão Jean-Baptiste (que se encontrava no Norte em 1839-1840), deve ter-se servido de várias fontes escritas que ele organizou a partir de uma cronologia precisa e de uma descrição quase clínica da doença e de seu andamento, que têm a marca do Irmão Francisco, testemunha privilegiado. Conseguiu no final nos transmitir um retrato ao mesmo tempo comovente e glorioso de um Champagnat que, por seu fervor, sua lucidez; suas profecias, suas exortações, seus encontros particulares ou solenes com os Irmãos (extrema unção, Testamento), morre como um homem inspirado, um santo e um fundador. Quanto aos *Anais do Instituto* do Irmão Avit (1840, parágrafos 647-671), escritos muito tempo depois que a *Vida*, eles reproduzem muitas passagens, mas parecem inspirar-se às vezes em outras fontes. De vez em quando deixaremos claras essas divergências. As *Memórias* do Irmão Silvestre retomam simplesmente o texto do Irmão Jean-Baptiste acrescentando algumas recordações pessoais.

4. A doença de Champagnat e o processo da eleição do Irmão Francisco

Segundo a *Vida*, o problema da saúde do Pe. Champagnat surge seriamente a partir de 1839. O autor do capítulo 20 nos diz:

Ao deixar Paris, o Pe. Champagnat viajou para Saint-Pol-em-Artois⁵ para tratar com as autoridades daquela cidade da fundação de uma escola. [...] Suas penosas andanças na capital e os contratemplos de todo tipo por que passou acabaram por arruinar sua constituição física e esgotar o pouco de forças que lhe restavam; desse modo, foi fácil compreender, quando voltou, que ele não podia ir muito longe.

Na sequência, vem um texto elogioso ao Pe. Colin, que “foi o primeiro a perceber e a preocupar-se com a doença do piedoso Fundador”. Preocupou-se também em “providenciar um substituto antes de sua morte, fazendo com que fosse eleito um Irmão para sucedê-lo.” Mas essa proposta é uma construção a posteriori. Primeiro, como diz o capítulo 20 (p. 222), após a doença de 1825, o Pe. Champagnat passou a ressentir-se

⁵ Tratava-se de uma subprefeitura localizada a 700 quilômetros de l’Hermitage. O Pe. Champagnat, após o pedido do ministro (*LPC 1, doc. 195, p. 395*), se dirigiu a esse local (*LPC 1, doc. 197, p. 400*). O Irmão Jean-Baptiste, primeiro diretor dessa fundação, teve lá um sucesso brilhante (*Conf. o jornal L’Ami de la Religion, n. 103, p. 377*).

de uma saúde frágil que se degenerou numa gastrite crônica que provocava vômitos e o impediam de alimentar-se normalmente⁶. Mas como esses problemas pareciam não prejudicar seriamente suas atividades, ninguém sequer se preocupou muito, o Pe. Colin não mais que os outros, como demonstra sua dura carta de fevereiro de 1839 que, manifestamente, está longe de poupar um doente.

De fato, o principal motivo dessa eleição de um sucessor é devido ao falecimento, em Roma, do cardeal Fesch, arcebispo titular de Lyon, no dia 13 de maio de 1839. Desde 1824, é o Mons. De Pins quem responde pela administração da diocese com o título honorífico de arcebispo *in partibus* de Amasia. Ele esperava, fazia muito tempo, tornar-se arcebispo de Lyon mas suas esperanças logo se desfizeram: sendo legitimista, o governo orleanista não o quer e nomeia o cardeal d'Isoard em 13 de junho. Evidentemente, entre a nomeação e a tomada de posse da diocese pelo novo arcebispo, passam-se vários meses, durante os quais Mons. De Pins e seu conselho resolverão os processos em curso (OM4, p. 201 e 332)... Mas é claro que, no início de 1840, a antiga administração diocesana deverá deixar o lugar. O Pe. Colin sabe que a saída de Mons. De Pins e do Pe. Cholleton, seu Vigário Geral, vão privar a Sociedade de Maria de protetores poderosos. O novo arcebispo poderia ser menos favorável e, seja como for, precisará de tempo para se informar sobre a Sociedade. Colin se revelará um grande estrategista tirando proveito do pouco tempo que sobra à administração De Pins para tornar mais claras suas relações com Champagnat e garantir o futuro.

Antes de mais nada, Mons. De Pins, muito ofendido pela afronta que lhe é feita, protesta contra seu afastamento e se retira na Grande Chartreuse de meados de julho até o final de agosto de 1839. É sem dúvida em setembro que o Pe. Colin “foi, com a autoridade de que estava revestido, encontrar-se com o Arcebispo⁷, colocando-o a par da situação em que se encontrava o Pe. Champagnat [...] e suplicou que lhe desse os poderes necessários para fazer eleger um Irmão para sucedê-lo” (Vida, cap. 20, p. 225). O Irmão Avit não faz referência a essa entrevista uma vez que o Pe. Colin só poderia agir com a concordância da autoridade legítima. Mas certamente Mons. De Pins não lhe concedeu o poder para levar adiante a eleição de um superior dos Irmãos, contrariamente ao que afirma a *Vida*, mas apenas para nomear⁸ uma Direção geral dos Irmãos, função que os Irmãos Francisco e Louis-Marie já exerciam na realidade. Tratava-se, pois, de um arranjo interno que exigia apenas uma autorização oral.

6 Esses problemas são mencionados com um pouco mais de detalhes no início do capítulo 21 (p. 229).

7 Mons. De Pins arcebispo *in partibus de Amasia*.

8 Trata-se exatamente de uma nomeação, precedida de uma sondagem junto aos Irmãos.

O Pe. Colin presidirá, portanto a nomeação-eleição, como delegado da arquidiocese e como superior da Sociedade de Maria. Mas a entrevista De Pins-Colin, ocorrida certamente em meados do mês de setembro, deixou portanto pouco tempo antes do retiro dos Irmãos no início do mês de outubro. O texto da *Vida* passa, aliás, a impressão de uma eleição precipitada, com o Pe. Colin se autoconvidando para o retiro com a adesão do Pe. Champagnat poucos dias antes da eleição de 12 de outubro. O Irmão Avit, mais preocupado com Champagnat, alega que este o convidara para o retiro. Em todo caso, nessa última data, já se sabe certamente em l'Hermitage, que o cardeal d'Isoard, nomeado para a sé de Lyon, falecera em 7 de outubro. Mas esse fato, que proporciona a De Pins seis meses mais na administração, não provocou atraso na eleição⁹. Na verdade, a morte do Pe. Champagnat, mais cedo do que se previa, e a futura separação entre Padres e Irmãos a partir de 1845 é que vão dar retrospectivamente a essa eleição a aparência de uma sucessão.

5. Duas tradições sobre a preparação da eleição de 1839

O capítulo 20 da *Vida* faz de Colin o planejador e organizador da eleição de 1839 enquanto o Pe. Champagnat praticamente deixou as coisas acontecerem.

Fazia tempo que a sabedoria, o discernimento profundo e a grande experiência do Pe. Colin o faziam prever dificuldades insuperáveis para submeter os Irmãos e os Padres a uma regra única, a um governo e a um superior únicos [...]. Ele acreditava que seria indispensável para o bem de todos que cada ramo tivesse suas regras, seu governo e seu superior. Mas o Pe. Champagnat, que trabalhara toda sua vida com a ideia de uma Sociedade única, e via com razão essa união como uma garantia da preservação do espírito religioso entre os Irmãos, não combinava facilmente, sobre esse aspecto, com o sentimento do Pe. Colin.

⁹ Mons. De Bonald será nomeado apenas em 8 de dezembro e só assumirá suas funções em 2 de julho de 1840; portanto, após a morte do Pe. Champagnat.

Ao contrário, o Irmão Avit faz questão de mostrar que a eleição de um “sucessor” é, em grande parte, obra do Pe. Champagnat.

O bom Pai sentia que suas forças estavam no fim. Previu que sua morte estava próxima. Para não expor o futuro de sua querida Congregação, quis providenciar seu governo antes de falecer. Entrou em entendimento, então, com o Pe. Colin e pediu a ele que presidisse o retiro anual. Mesmo em meio a seus sofrimentos, o piedoso Fundador ainda fez as conferências e o Pe. Chavas pregou os sermões.

O satírico Irmão Avit tenta minimizar o papel do Pe. Colin narrando um detalhe ridículo: “O Rev. Pe. Colin fez uma conferência e recomendou aos Irmãos que evitassem cuidadosamente todos os maus hábitos, sobretudo o de usar rapé¹⁰. E o bom padre usou rapé 5 ou 6 vezes enquanto lhes fazia esta última recomendação”. Ele não nos diz nada sobre o modo como os Irmãos foram informados dessa eleição¹¹, apesar de detalhar as condições em que foi realizada (Anais do Instituto, 1839, parágrafos 510-528).

Sem exagerar no elogio do Pe. Colin, eu atribuiria a ele o essencial do mérito da organização das eleições de 1839. Com certeza, a saúde cambaleante de Champagnat justifica essa iniciativa: em caso de incapacidade ou morte do fundador, uma equipe estará em condições de governar os Irmãos no dia a dia. Mesmo Champagnat continuando superior dos Irmãos, a presença de um Diretor geral e de assistentes permite ao Pe. Colin se livrar de um confronto com um Champagnat que ele julgava pouco capaz, pouco dócil e pouco afeito ao verdadeiro espírito da Sociedade de Maria.

Em todo caso, a *Vida* comete um verdadeiro anacronismo apresentando-nos um Colin favorável à separação entre os dois ramos da Sociedade e um Champagnat muito apegado a sua unificação. Em 1839 ocorre exatamente o inverso. Colin só se decidirá pela separação dos dois ramos a partir de 1842 e é só em maio de 1840 que Champagnat se resigna, pelo Testamento espiritual a confiar o ramo dos Irmãos a Colin.

Entretanto, a eleição do Irmão Francisco em outubro de 1839, longe de permitir um reforço da autoridade de Colin sobre o ramo dos Irmãos, parece contribuir a um resultado inverso como indica a carta de 29 de fevereiro de 1840 (*Colin sup*, doc. 142), na qual o Pe. Colin declara que renuncia a seu projeto de unir os Irmãos de l’Hermitage

10 Usar rapé consistia em colocar tabaco nas narinas. Era na época um costume muito comum.

11 É na verdade uma sondagem confirmada pelo Pe. Colin, o que o Irmão Avit realça nos *Anais* (1839, parágrafo 528).

aos Padres: de então em diante, estes não mais pedirão pessoal auxiliar aos Irmãos Maristas mas formarão seus próprios coadjutores e lhes darão um hábito particular. Talvez deixe transparecer um certo rancor no final de sua carta: “*enquanto você estiver vivo, não posso sequer intrrometer-me com irmãos educadores (sic); por isso, você pode continuar a governá-los de acordo com o espírito de Deus como no passado*”... No fundo, o Pe. Colin aceita com reserva a completa autonomia dos Irmãos sob a autoridade do Pe. Champagnat. A unidade não foi quebrada, mas as relações entre os dois Fundadores dos ramos maristas se esfriaram.

6. Da eleição do Irmão Francisco até a declaração da doença (outubro de 1839- março de 1840)

O capítulo 21 da *Vida* de Champagnat mostra-nos que após 12 de outubro de 1839, num primeiro momento, as coisas mudam no governo. Em novembro o Fundador prega um retiro do pensionato de La Côte Saint André, depois faz uma viagem a Autun para preparar a criação de um noviciado em Vauban, que ele inaugurará pessoalmente entre os dias 5 a 8 de dezembro de 1839. Retornou muito cansado porque na circular de 10 de janeiro de 1840 (*Cartas*, tomo 1, 313), o Irmão Francisco pede uma novena para a conservação da saúde do fundador “*sempre muito fragilizada*”. Sem deixar l’Hermitage, permanece ativo, ocupando-se principalmente da autorização legal. Mas é sem dúvida no final do mês de fevereiro que um fato alerta a comunidade: ao visitar os operários que cortam o rochedo e tentando trabalhar com eles um instante, é vítima de um mal-estar.

7. Primeira fase da doença

Na quarta-feira de cinzas, 4 de março, o Fundador é tomado por dores violentas nos rins e por inchaço permanente nas pernas. Mas ainda não fica acamado e vive o mais que pode com a comunidade. É, entretanto, nesse mês consagrado a São José, padroeiro da boa morte, que Champagnat percebe um fim próximo com que não contava até então. Às pressas cria uma sociedade imobiliária entre ele e seis Irmãos (Avit, 1840, parágrafo 643) sem nenhum padre marista¹². O ato foi registrado no dia 22 de março em Saint Chamond no escritório de Maître Mioche sucessor do sr. Finaz. Em 1º de abril, o

¹² Havia ficado claro que as administrações dos dois ramos seriam separadas.

Pe. Colin (*Colin sup*, doc. 149) sente-se ofendido por esse ato da sociedade ser depositado num tabelião de Saint Chamond e não no dos Maristas em Lyon: “*Era um ato de confiança que deveria ser depositado apenas no escritório de M. Berloty*”.

A *Vida* nos diz que foi “*pouco tempo depois desses acertos*” que o Pe. Maîtrepierre, braço direito do Pe. Colin, foi visitar o Pe. Champagnat, certamente para tratar de governo e se informar de seu estado; e este aproveita dessa visita para fazer uma confissão geral. Numa carta de 5 de abril (*Colin sup*, doc. 151), o Pe. Maîtrepierre declara ao Pe. Lagniet:

Passei oito dias em l’Hermitage no meio do mês de março; o bom Pe. Champagnat estava muito mal: deixei-o sofrendo um pouco menos. Até nisso, fiquei edificado. Soubemos que ele piorou muito, mas não sabemos com certeza como ele está. Entretanto, está muito essencialmente mal para suportar por muito tempo, rezemos muito por esse venerável padre.

No início de abril, sabe-se entre os Padres Maristas que os dias de Marcelino Champagnat estão contados como ele próprio sabe e comenta. Na quinta-feira santa, 13 de abril, ele vai a cavalo até La Grange Payre, onde há um pré-noviciado, para despedir-se dos internos. Dirige-lhes uma exortação que a *Vida* e o Irmão Avit transcrevem *in extenso* e nos mesmos termos, exceto no final. Com efeito, depois de um convite a tirar proveito da educação recebida e a fugir do pecado, o texto que recomenda recorrer a Maria, do Irmão Jean-Baptiste, é nitidamente mais longo:

<i>Vida</i>, capítulo 21, p. 232	<i>Avit</i>, 1840, parágrafo 651
Vocês obterão esta graça (de não pecar) e salvarão sua alma se tiverem uma grande devoção à Santíssima Virgem e se rezarem todos os dias o <i>Lembraí-vos</i> ou alguma outra oração para se colocarem sob sua proteção. Sim, meus filhos, se tiverem uma grande confiança em Maria, ela obterá para vocês a graça de ir para o paraíso, eu lhes prometo.	Vocês obterão esta graça (de não pecar) e salvarão sua alma se tiverem uma grande devoção à Santíssima Virgem.

É provável que esse discurso para as crianças tenha sido reproduzido logo, talvez por um ou vários dos Irmãos que o ouviram e que o Irmão Jean-Baptiste tenha utilizado essa fonte, talvez aprimorando um pouco o texto ou fazendo coincidir versões diferentes.

8. Um Irmão pode ser o sucessor de Champagnat?

No começo de abril o Pe. Colin sabe que a morte de Champagnat é iminente e ele não considera o Irmão Francisco, um simples leigo, como superior no sentido canônico. Mas é muito cedo para intervir junto ao cardeal De Bonald nomeado em dezembro de 1839 e que só assumirá suas funções em julho. Diante da perspectiva da morte próxima do Pe. Champagnat, o Pe. Colin tenta uma aproximação prudente por uma carta de 24 de abril (*Colin sup*, doc. 156) na qual ele coloca o problema de um novo superior, convidando Champagnat a “colocar o ramo dos Irmãos educadores nas mãos do Mons. Arcebispo [...] que sem dúvida nomeará um padre marista para essa função, e essa contribuição da primeira autoridade será boa para o bem de todos”. Ele pede a Champagnat que comunique essa proposta aos Irmãos Francisco e Louis-Marie.

Parece-me que essa proposta deve ser vista como um modo diplomático de fazer com que um Champagnat obstinado compreenda que o problema de sua sucessão não está resolvido com a eleição do Irmão Francisco e que ele deve designar um sucessor digno de crédito enquanto ainda é tempo. Mas Champagnat não reage à sugestão, sinal de que considera sempre o Irmão Francisco como seu sucessor.

Entretanto, rapidamente ele se enfraquece. Chega a celebrar a abertura do mês de Maria no dia 30 de abril, mas não reza mais a missa a partir de 3 de maio. Segundo uma passagem da *Vida* (Cap. 22, p. 250) ele pensava morrer no dia da Ascensão, 8 de maio, ou na oitava da festa. Por isso, persuadido de sua morte iminente, ele ordena que organizem a cerimônia de sua extrema-unção na presença de toda a comunidade de l’Hermitage no dia 11 de maio. Como a maioria dos residentes da casa não o tinham visto fazia algum tempo, “sua aparência e seu estado de fraqueza e de sofrimento impressionaram extremamente os Irmãos e os fizeram derramar lágrimas”. No final da cerimônia, ele pronuncia um longo Testamento espiritual mencionado na *Vida*. “Como é bom morrer na Sociedade de Maria” diz ele ao concluir. Mas, não indica nenhum sucessor, considerando assim que esse papel cabe ao Irmão Francisco. Acontece então um fato imprevisto: a assembleia é tomada pela emoção e pela desolação que a presença dos superiores e dos capelães não consegue controlar.

Como no adeus aos jovens de La Grange Payre, os Irmãos Avit e Jean-Baptiste nos entregam nos mesmos termos o Testamento espiritual oral de Champagnat na presença de toda a comunidade. Primeiro, Champagnat convida a lembrar-se dos novíssimos para evitar o pecado. Em seguida, exorta os Irmãos à caridade, depois à obediência. O Irmão Avit não escreve mais que isso, mas a *Vida* acrescenta o último parágrafo repro-

duzido a seguir, que não é relativamente marginal como em La Grange Payre, mas fala da vocação na Sociedade de Maria e também se assemelha muito com o final do Testamento espiritual que será lido no dia 18 de maio.

Vida p.235-236 Testamento oral de 11 de maio	Testamento espiritual de 18 de maio
<p><i>"Meus filhos, ah! como é bom morrer na Sociedade de Maria! É hoje, eu lhes confesso, minha maior consolação. Sejam, pois, fiéis a sua vocação, e para isso, observem a regra: porque a obediência à regra lhes concederá a perseverança, os fará amar os deveres da vida religiosa e os tornará fáceis. Amem sua vocação conservem-na; é por ela que Deus quer salvar vocês. E de fato vocês se salvarão se tiverem a alegria de morrer na Sociedade de Maria. Eu vi morrer um grande número de Irmãos; não encontrei um só que, em seu leito de morte, se arrependesse de tornar-se religioso, de ter perseverado na sua vocação e de morrer com o hábito de Irmão de Maria".¹³</i></p>	<p><i>"Meus caríssimos Irmãos, sejam fiéis a sua vocação e perseverem nela com coragem. Conservem-se num grande espírito de pobreza e de desapego. Que a observância diária de suas santas regras os preserve de nunca faltar ao voto sagrado que liga vocês à mais bela e delicada de todas as virtudes. Há sofrimentos para viver como bom religioso, mas a graça alivia tudo. Jesus e Maria os ajudarão; aliás, a vida é muito curta e a eternidade nunca terminará. Ah! Como é consolador no momento de comparecer diante de Deus lembrar que vivemos sob os auspícios de Maria e na sua sociedade".</i></p>

Não creio que o Irmão Jean-Baptiste tenha acrescentado mais tarde um final de discurso considerado muito pouco marista. Essa passagem mostra que o Testamento espiritual de 18 de maio se inspira fortemente na temática do anterior, o que não tem nada de estranho. O mais importante é que situando-se como um fundador que não renega sua pertença à Sociedade de Maria mas não designa seu sucessor, o Pe. Champagnat opta por um ramo dos Irmãos governado pelo Irmão Francisco sob a tutela mais teórica do que real do Pe. Colin.

Mas quantos pensam como ele? A narrativa da doença do Pe. Champagnat menciona as múltiplas preocupações dos visitantes e dos Irmãos relacionadas à sobrevivência do Instituto após sua morte. *"O que vamos passar a ser e quem poderá encarregar-se de dirigir a Sociedade se o senhor vier a faltar?"* — disse-lhe um Irmão ao visitá-lo. O Irmão Stanislas pensa do mesmo modo *"assim como todos os demais que iam vê-lo"*. O Pe. Champagnat esforça-se para dizer que Deus não precisa dos homens e que a Providência divina providenciará e que *"o Irmão que vocês escolheram para me*

¹³ É estranho como o Irmão Avit não tenha citado de modo algum, mesmo que sucinto, esse texto que a priori parece como o sermão mais importante do Fundador. Mas sua grande semelhança com o final do Testamento espiritual levanta a questão da autenticidade dessa passagem.

suceder terá um desempenho melhor que o meu”. Mas a confusão de 11 de maio mostra que prevalece a ideia de que a morte de Champagnat poderia prenunciar a da Sociedade dos Irmãos (*Vida*, cap. 21, p. 232-233). Aparentemente não são levadas em conta nem a tutela do Pe. Colin nem a autoridade do Irmão Francisco.

Nos *Anais* (1840, parágrafos 684-685) o Irmão Avit, que descreve o ambiente no Instituto após o Testamento espiritual e o falecimento de Champagnat, mostra que esses receios permanecem e ele aprofunda a análise:

Apesar de ser estimado por todos, o caro Irmão Francisco não tinha o caráter, a iniciativa, a energia e o entusiasmo do Pe. Champagnat. Ele não possuía os corações e não dominava as vontades [...] por seu modo de ser, um tanto frio, era pouco amado [...] ele era tido como meticuloso. Quanto a seus assistentes, eles não tinham ainda a prática do governo [...] Os Padres (maristas) os eclesiásticos da redondeza e os benfeitores pensavam do mesmo modo.

9. A nomeação de um herdeiro legítimo

Mas voltemos ao 11 de maio, quando Champagnat de modo brusco toma consciência do estado de maciça perplexidade de seus discípulos. Gravemente doente e certamente muito surpreso com o que estava ocorrendo, Champagnat não conseguiu reagir imediatamente. Numa carta de 13 de maio ao Pe. Cholleton, o Pe. Colin, sem dúvida informado pelos capelães de l’Hermitage, diz simplesmente: “*O Pe. Champagnat está a caminho da morte. É uma perda enorme para nós*”. Mas o texto da *Vida* informa que, depois de uma novena a Santa Filomena, começada em 14 de maio¹⁴, o Pe. Champagnat melhora: “*o inchaço das mãos e dos pés cessou; desapareceu também o mal-estar dos rins, de que ele sofria desde a quarta-feira de cinzas*” (*Vida*, cap. 22, p. 237). Foram provavelmente essa melhora e um tempo de reflexão de alguns dias que permitiram a Champagnat mandar redigir um Testamento espiritual em que, retomando as recomendações feitas aos Irmãos em 11 de maio, ele indicará claramente o Pe. Colin como seu herdeiro.

14 Entretanto, no início do capítulo 22, p. 240, essa melhora é situada no dia 18 de maio. Na verdade, parece ter havido duas novenas sucessivas: uma no começo do mês de Maria e outra após 11 de maio. Na minha opinião, a data mais acertada é por volta de 20 de maio.

O Irmão Avit (*Anais*, 1840, parágrafo 667) nos conta que foi num único dia, 18 de maio, que se deu todo o processo de concepção, redação e leitura do Testamento. Parece que tudo ocorreu um pouco depressa demais, mas a perspectiva de uma morte iminente de Champagnat forçava essa pressa. Parece-me, entretanto, mais verossímil considerar o conjunto da operação como tendo durado dois ou três dias, sobretudo porque Champagnat deve atuar como árbitro de uma discordância entre o Irmão Francisco, com reservas sobre a oportunidade de tal decisão, e um Irmão Louis-Marie que, sendo favorável, será encarregado da redação. Tal escolha sugere que a proposta do Pe. Colin de designar um sucessor (eventualmente o arcebispo) havia sido debatida entre os três homens, como estava sugerido na carta e que o pensamento do fundador e do Irmão Francisco havia prevalecido sobre o do Irmão Louis-Marie. O que ocorreu em 11 de maio permite, então, à tese do Irmão Louis-Marie prevalecer tardiamente¹⁵.

A leitura desse testamento pelo Irmão Louis-Marie já é um forte sinal enviado ao Pe. Colin que sabe ser ele favorável a uma sucessão a seu favor. Ela ocorre no dia 18 de maio depois de uma oração da noite, no quarto de Champagnat, na presença da comunidade, mas sem os noviços e os postulantes. O texto retoma em grande parte os temas formulados em 11 de maio, designando sem ambiguidade nem reserva o Pe. Colin como herdeiro espiritual: “*O superior dos Padres sendo igualmente superior do ramo dos Irmãos deve ser o centro de união entre uns e outros [...]. Seu espírito é o meu e sua vontade é a minha*”. Entre os dias 11 e 18 de maio Champagnat aliou-se *in extremis* à concepção de Colin sobre a Sociedade. Longe de ser obcecado por uma unidade estreita como declara o autor da *Vida* no capítulo 20, página 233, ele se decidiu por ela apenas para preservar o ramo dos Irmãos de uma crise sucessória. Apesar de estar ausente em 18 de maio, o Pe. Colin é a pessoa mais contemplada por esse Testamento, de que receberá logo um exemplar que consagra a lealdade de Champagnat e do ramo dos Irmãos.

A melhora sentida próximo ao 18 de maio se confirma e por alguns dias o Pe. Champagnat pode levantar-se e supervisionar a casa. Esse tempo menos agressivo perdura ainda quando o Pe. Colin chega a l’Hermitage no domingo, 24 de maio “*para ver o Pe. Champagnat que felizmente não piorou*”¹⁶. O Pe. Mazelier chegará no dia seguinte. Foi portanto certamente no dia 25 de maio que Champagnat “*teve uma longa conversa com o Pe. Colin*” e esse encontro sela uma reconciliação e uma lealdade do ramo dos Irmãos tornada oficial no dia 18 de maio. No mesmo dia, provavelmente a conversa com

15 Era provavelmente também a opinião dos capelães de l’Hermitage, cuja importância foi certamente subestimada na narrativa da *Vida*. Sem dúvida, a posição do Irmão Louis-Marie era conhecida pelo Pe. Colin.

16 Carta do Pe. Maîtrepierre ao Pe. Lagniet, datada de 24 de maio de 1840. (*Colin sup*, doc.176).

o Pe. Mazelier confirma os acordos anteriores entre os dois fundadores¹⁷.

Parece que a versão definitiva do Testamento espiritual só ficou pronta bem mais tarde, talvez mesmo depois do dia 25 de maio. Na verdade, a versão do Testamento conservada nos arquivos dos Padres Maristas é ligeiramente diferente da que será enviada aos Irmãos em 6 de junho de 1840. Nessa versão, o parágrafo que segue o preâmbulo do Testamento, pedindo perdão àqueles a quem Champagnat poderia ter ofendido e declarando que ele morre “*cheio de gratidão e de submissão para com o Reverendo Padre Superior da Sociedade de Maria*” não fica nesse lugar na versão dos Padres Maristas, mas está colocada como um tipo de aditamento na sequência do texto principal. Provavelmente, no dia 8 de maio o Irmão Louis-Marie leu uma primeira versão do Testamento, do qual uma cópia assinada pelo Pe. Champagnat foi enviada ao Pe. Colin. Mas é depois do encontro Colin-Champagnat, em 25 de maio, que foram acrescentados no final do primeiro documento dois parágrafos que a versão definitiva irá juntar em um só parágrafo no início. A assinatura do Pe. Champagnat colocada no final do aditamento é bem menos firme que a primeira. O roteiro da gênese do Testamento espiritual enviado aos Irmãos em 6 de junho seria então o seguinte: primeiro, o testamento oral de 11 de maio, revisado e ampliado pelo Irmão Louis-Marie em 18 de maio, finalizado em 25 de maio, depois fixado e litografado na previsão do falecimento do Pe. Champagnat sem dúvida no final de maio. O deslocamento dos dois parágrafos do aditamento para o corpo do texto atenua fortemente seu sentido que poderia suscitar agitação entre os Irmãos uma vez que Champagnat reconhecia haver um comportamento discutível em relação ao Pe. Colin.

Nos primeiros dias do mês de maio a doença retorna sob uma nova forma: Champagnat não consegue mais alimentar-se: “*um fogo devorador consumia suas entranhas*” (Vida, p. 248) e ele vomita sangue coagulado. Todos sabem que ele pode vir a falecer a qualquer momento e os sacerdotes dos arredores vão visitá-lo: em 1º de junho, o Pe. du Treuil, pároco de Saint Pierre de Saint Chamond e no dia 2 de junho, vários eclesiásticos da vizinhança, entre os quais o Pe. Janvier, antigo aspirante marista. Ele falece na manhã de 6 de junho. Os dois Irmãos antigos que fizeram a última vigília parece não terem prevenido os superiores de sua morte.

Jean-Claude Colin não estará presente nos funerais do Pe. Champagnat mas a Sociedade de Maria estará lá, amplamente representada pelos padres Matricon e Besson (ambos capelães de l’Hermitage) mas também por Pierre Colin, irmão mais velho do

17 O Pe. Mazelier recebe na diocese de Valence os Irmãos de l’Hermitage sujeitos ao serviço militar

superior, residente em Valvenoîte, os Padres Maîtrepierre, braço direito de Jean-Claude Colin, Bertholon, Chavas e Soton¹⁸.

Em carta de 18 de julho a Mons. Pompallier, (*Colin sup*, doc. 185, parágrafo 11) Jean-Claude Colin faz um breve elogio fúnebre parcialmente inspirado na circular do Irmão Francisco, de 6 de junho de 1840, anunciando aos Irmãos o falecimento de Champagnat. Contrariamente ao Irmão Francisco ele evita reconhecer para Champagnat o título de fundador. Não lembra igualmente um papel qualquer dele nas origens. Prometendo enviar cópias do Testamento espiritual, ele informa Pompallier, mais ligado a Champagnat e a l'Hermitage que a ele mesmo e a Belley, que a situação mudara e que uma certa dualidade da Sociedade de Maria não mais existia.

É meu triste dever comunicar a você que a morte nos tirou o Pe. Champagnat no sábado, 6 de junho, às 4h30, no momento em que, fazia anos, ele entoava cada dia o Salve Regina. Sua doença foi longa e dolorosa, sua paciência foi maior e sua morte preciosa aos olhos do Senhor, ousamos esperar¹⁹. Entretanto, eu o recomendo ainda a suas orações; ele trabalhou muito no decorrer de sua penosa carreira. Vou mandar-lhe exemplares de seu Testamento espiritual. Como o Pe. Champagnat era responsável por sua procuração, será preciso que você escolha alguém.

Em carta dirigida aos missionários em 21 de novembro de 1840 (*Colin sup*, doc. 218, parágrafo 2) o Pe. Colin é mais caloroso: “Eu lhes direi em três palavras a dor causada em nós pela morte de dois excelentes coirmãos, o venerado Pe. Champagnat fundador e superior dos Irmãos de Maria e o muito piedoso Pe. Debeney, diretor do seminário de Meximieux [...] o primeiro nos edifica ainda e nos edificará por seu Testamento espiritual que lhes entregamos agora.”

Aos olhos do Pe. Colin o Testamento espiritual tira um obstáculo importante para a unificação da Sociedade de Maria e ele pensa poder integrar o ramo dos Irmãos educadores ao corpo da Sociedade de Maria. Mas logo será preciso renunciar a esse projeto diante das reticências dos Irmãos, em particular do Irmão Francisco, e a recusa de Roma de considerar um superior único para dois grupos tão diferentes.

18 *Circulares dos PFM, tomo I, pp. 41 e 323-325.*

19 Essa parte da frase, acrescentada a uma afirmação original do Irmão Francisco, indica uma reserva.

10. Por trás da crise de sucessão uma crise de crescimento

Quando o Pe. Champagnat faleceu, a congregação contava com cerca de 280 Irmãos. A lei Guizot, em 1833, ao favorecer o ensino popular, abriu o mercado da educação e o recrutamento tornou-se maciço. O Irmão Avit (*Anais*, 1839, parágrafos 517-518) nos fornece o total de efetivos em outubro de 1839: 110 professores perpétuos (dos quais 92 presentes na eleição) em princípio os de mais idade, mas 148 mais jovens “não professores²⁰” e 13 postulantes. Os “antigos” são, portanto, minoritários e transmitir o espírito das origens torna-se mais difícil.

A doença de Marcelino Champagnat certamente desequilibrou um pouco o ritmo de uma casa com múltiplos serviços. Mesmo se os textos elogiam Irmãos que, naquela ocasião, manifestam sua dedicação e sua veneração, acontecia que os Irmãos Francisco, Louis-Marie e Stanislas permanecem por conta dos cuidados com o Pe. Champagnat além de suas funções habituais. Irmãos são chamados para fazer vigílias noturnas do fundador. As narrativas quase não citam os capelães de l’Hermitage, mas eles sentem também alguma complicação em suas tarefas. É certo que muitos Irmãos ficam esgotados por uma agonia que não tem fim: no dia 5 de junho (*Vida*, p. 254) o médico reconhece que fazia dez dias ele vinha declarando que o doente morreria em 24 horas. É sem dúvida por isso que Champagnat, na noite de 5 de junho “*ainda teve força suficiente para obrigá-los (aos Irmãos da comunidade) a ir dormir*”. E é assistido apenas por dois Irmãos mais idosos que ele falece por volta das 4h30 da manhã.

Não dá para acreditar que a veneração para com o Fundador tenha impedido uma certa oscilação. O ambiente da casa devia lembrar o do início de 1826, quando a doença de Champagnat tinha provocado um grande desânimo e um verdadeiro relaxamento. Os Irmãos da direção, e mesmo os capelães, muito atarefados e sem um prestígio equivalente ao de Champagnat deviam ter problemas com os formandos e mesmo com os mais antigos. Temos dois indícios disso: primeiro, a confusão inegável e fora de controle na cerimônia de extrema-unção de 11 de maio; depois, perto do dia 20 de maio, o Pe. Champagnat, em condições de sair de seu quarto, percebe um certo relaxamento na supervisão dos Irmãos: um noviço manuseia um tipo de “casinha” num muro como se fosse esconder-se lá. Champagnat chama a atenção também do responsável pelos trabalhos. Outra vez, ele observa Irmãos “*que trabalham sem capricho no claustro*” (*Vida*, cap. 21, p. 237) e ele chama a atenção do diretor do noviciado “*porque a preguiça é um dos piores vícios*” sobretudo para os religiosos.

20 Na verdade, professores temporários e noviços.

A morte de Champagnat não colocará um fim nesse ambiente porque, em parte, ele se deve a uma crise de crescimento que superiores pouco experientes não conseguirão controlar a não ser com o tempo. É por isso que o Pe. Colin, considerando que os noviços são jovens demais e com uma formação muito precária para emitir os três votos, em particular o de castidade, impõe a partir de 1840 que os professos temporários, ao terminar o noviciado, pronunciem apenas o voto de obediência. Em 1841 (*Colin sup*, doc. 267) ele recriminará os superiores dos Irmãos por dispensar muito facilmente os candidatos. Mas as anotações de um caderno do Irmão Francisco dão a entender que os abusos eram suficientemente sérios para exigir medidas severas.

Considerações finais

A narrativa da doença e do falecimento do Pe. Champagnat foi, portanto, a oportunidade para um debate de fundo sobre a natureza da Sociedade de Maria que o reconhecimento canônico em 1836 de uma sociedade de Maria reduzida aos Padres complicou mais do que esclareceu. Tornando-se Padre Marista em 1836 e aceitando em 1837 não ser mais superior dos Irmãos a não ser por delegação, Champagnat não renuncia por isso — e seus Irmãos tão pouco — a uma história e a uma forma de apostolado que ele julga profundamente legítimas e conforme o espírito das origens. Há, então, uma rivalidade entre duas concepções da Sociedade de Maria, duas tradições e dois fundadores porque há dois ramos da Sociedade de Maria já consolidados. Mas trata-se de uma situação de contradição com o velho ideal de uma unidade: “*Cor unum et anima una*”²¹. Aproveitando da doença de Champagnat e pressionado por uma sucessão arquiiepiscopal complicada, o Pe. Colin tentará uma reunificação.

A nomeação do Irmão Francisco como diretor geral depois da sondagem dos Irmãos professos prepara o futuro mas, ao mesmo tempo, amplia a confusão. Primeiro, com que autoridade o Pe. Colin intervém nessa nomeação-eleição ao presidi-la? Como delegado do arcebispado ou como superior da Sociedade de Maria? Na verdade, nos dois casos ela pode ser considerada discutível²². Mas, acima de tudo, como os dois fundadores interpretam essa nomeação-eleição?

O Pe. Champagnat vê no Irmão Francisco um sucessor destinado a substituí-lo após sua morte enquanto o Pe. Colin pensa num superior dos Irmãos que seja sacerdote mesmo que ele delegue a administração a um Irmão. A nomeação do Irmão Francisco em outubro de 1839 é pois pensada como uma solução provisória, mesmo porque nem os Irmãos nem o próprio Champagnat consideram que a questão da sucessão seja colocada como uma necessidade concreta imediata. Mas a doença de Champagnat logo imporá a solução mais realista: a unificação da Sociedade sob um único fundador superior: o Pe. Colin.

Mas o processo de autonomia do ramo dos Irmãos, impedido pelo Pe. Colin a partir de 1836 e depois interrompido pela morte de Champagnat em 1840, será retomado para se encerrar numa independência com o reconhecimento legal em 1851 e o decreto romano de reconhecimento em 1863. Por mais provisória que tenha sido, a solução da

21 Em seu Testamento espiritual Champagnat emprega várias vezes essa fórmula em francês “*un même coeur et un même esprit*”.

22 Seguindo a boa lógica, cabia a Champagnat, como superior canônico dos Irmãos, o direito de obter a autorização do arcebispado e presidir a nomeação de um diretor geral.

unidade sob um único superior terá, entretanto, permitido a um Instituto em crise de sucessão e de crescimento, ter sucesso numa transição delicada. No fundo, a posição do Pe. Colin provou ser a melhor a curto prazo e a de Champagnat, mais utópica, será consagrada pela evolução no longo prazo. É pois nesse contexto de declaração de independência dos Irmãos em relação aos Padres que foi escrita a narrativa da captação do ramo dos Irmãos no decurso da doença e da morte de seu Fundador. Em resumo, os capítulos 21 e 22 que narram esse fato comprovam a habilidade para eliminar as aspe-rezas de um conflito bastante complexo de sucessão de modo que os protagonistas das negociações se saíssem bem-sucedidos.

Em seu texto, o Irmão Avit parece herdar uma tradição dos Irmãos menos pacífica e menos favorável ao Pe. Colin. Talvez ele tenha conhecido e explorado fontes de algum modo diferentes das do Irmão Jean-Baptiste. A mais significativa comenta a morte do Fundador em 6 de junho em termos bem diferentes da *Vida*:

<i>Vida, cap. 22, p. 234</i>	<i>Anais do Instituto, 1840, par. 671</i>
Era sábado, 6 de junho, véspera de Pentecostes. Ele tinha falado várias vezes durante sua doença: “ <i>Eu desejaria muito morrer num sábado; mas não mereço essa graça, que mesmo assim espero da bondade de Maria</i> ”. Não só ela lhe foi concedida, mas foi-lhe ainda dado morrer na hora em que, fazia mais de trinta anos, ele consagrara à meditação e à união com Deus. Foi nesse momento da oração e após o canto do <i>Salve Regina</i> , que a Mãe de misericórdia o fez passar do exílio para a pátria e lhe mostrou Jesus, o fruto bendito de seu seio virginal.	Enfim a hora marcada pela divina Providência ia soar. O Juiz soberano ia dirigir-lhe as palavras do evangelho: “ <i>Bom e prudente servo, você foi fiel em todas as coisas, entre na alegria de seu Senhor</i> ”. Ele ia unir-se aos 49 Irmãos que o precederam aos pés de Maria. Lá ele não esqueceu os que deixava neste lugar de exílio. Não nos deixemos, pois, abater pela dor, mesmo legítima, de não mais vê-lo aqui na terra.

Enquanto o texto da *Vida*, de tom muito marial, insiste na pessoa de Champagnat, o Irmão Avit situa o Fundador na linhagem espiritual dos grandes servos de Deus e dos mortos do Instituto. Como eles, ele se torna de agora em diante um intercessor. Sente-se nele a influência das circulares do Irmão Francisco, particularmente na fase final que convida a não se deixar abater. Ela reflete na verdade o estado de espírito que os superiores quiseram inculcar nos Irmãos imediatamente depois da morte do Fundador (*Vida*, cap. 23, p. 258). É um modo de afirmar que ele não considera o Testamento espiritual como uma ruptura fundamental e que esperamos ver o ramo dos Irmãos manter uma grande autonomia. E o Pe Colin saberá exercer uma tutela prudente que ele não praticara nos anos 1836-1839.

Em suma, desde 1826²³ o Pe. Champagnat tinha exercido, sem distingui-los, os papéis de superior e de diretor, um mais carismático, e o outro mais administrativo. Com o Testamento espiritual as duas funções serão separadas, o Pe. Colin como herdeiro do carisma marista enquanto o Irmão Francisco representa mais a continuidade administrativa e o espírito de l’Hermitage.

Irmão André Lanfrey, setembro de 2019.

23 O Irmão Jean-Marie Granjon, eleito diretor em 1819, deixa o Instituto e não é substituído.

ANEXOS

1. Testamento espiritual litografado enviado às comunidades no dia 6 de junho de 1840

Au nom du Père en du Fils en du Saint Esprit.
Ainsi-sois-il.

Je suis en la présence de Dieu, sur le suspens de la b. m. sainte
Vierge et de St Joseph, voulant faire connaître à tout le Frère de Marie
l'expression de mon Devotion et de mon plus cher vœux, par écrit
à son frère, pour adorer celui qui est le plus cher et le plus
la volonté Divine et le plus utile au bien de la Société, mon testament
spirituel.

Je prie qu'une entière et parfaite abstinence - que toujours
gouverne le Frère de Marie - que les infirmités abrogent dans les
suppléments de la promesse de Dieu - fût, les dévotion de tout et
l'espérance - invinciblement - d'il est bon à son vœux - et à son
jugement - propre. Qui est de savoir que le religieux doit
comporter de vœux et que c'est l'obéissance - principalement qui est
la base et le soutien de la communauté. Je ne est respect, les
vœux de Marie - le commandement inviolablement non - seulement au
premier vœux, mais encore à tous ceux qui - sont vœux - pour
la dignité et la conduite. Ils se pénitent bien de cette vœux de
Dieu que le vœux de Marie - fût et que il - soit - et
quand il commande, comme si c'était - fût - même que
communauté.

Je suis en la présence de Dieu, sur le suspens de la b. m. sainte
Vierge et de St Joseph, voulant faire connaître à tout le Frère de Marie
l'expression de mon Devotion et de mon plus cher vœux, par écrit
à son frère, pour adorer celui qui est le plus cher et le plus
la volonté Divine et le plus utile au bien de la Société, mon testament
spirituel.

Je prie qu'une entière et parfaite abstinence - que toujours
gouverne le Frère de Marie - que les infirmités abrogent dans les
suppléments de la promesse de Dieu - fût, les dévotion de tout et
l'espérance - invinciblement - d'il est bon à son vœux - et à son
jugement - propre. Qui est de savoir que le religieux doit
comporter de vœux et que c'est l'obéissance - principalement qui est
la base et le soutien de la communauté. Je ne est respect, les
vœux de Marie - le commandement inviolablement non - seulement au
premier vœux, mais encore à tous ceux qui - sont vœux - pour
la dignité et la conduite. Ils se pénitent bien de cette vœux de
Dieu que le vœux de Marie - fût et que il - soit - et
quand il commande, comme si c'était - fût - même que
communauté.

Je suis en la présence de Dieu, sur le suspens de la b. m. sainte
Vierge et de St Joseph, voulant faire connaître à tout le Frère de Marie
l'expression de mon Devotion et de mon plus cher vœux, par écrit
à son frère, pour adorer celui qui est le plus cher et le plus
la volonté Divine et le plus utile au bien de la Société, mon testament
spirituel.

Je prie qu'une entière et parfaite abstinence - que toujours
gouverne le Frère de Marie - que les infirmités abrogent dans les
suppléments de la promesse de Dieu - fût, les dévotion de tout et
l'espérance - invinciblement - d'il est bon à son vœux - et à son
jugement - propre. Qui est de savoir que le religieux doit
comporter de vœux et que c'est l'obéissance - principalement qui est
la base et le soutien de la communauté. Je ne est respect, les
vœux de Marie - le commandement inviolablement non - seulement au
premier vœux, mais encore à tous ceux qui - sont vœux - pour
la dignité et la conduite. Ils se pénitent bien de cette vœux de
Dieu que le vœux de Marie - fût et que il - soit - et
quand il commande, comme si c'était - fût - même que
communauté.

2. Final do Testamento que se encontra nos arquivos dos Padres Maristas.

As duas assinaturas de Champagnat indicam duas redações sucessivas, sendo a segunda menos firme que a primeira.

Os dois parágrafos acrescentados estão num parágrafo único no início da versão definitiva.

pour vivre en son religion: avec la grace adroit tout: je suis et
Maire son adroit: Vaillan. le bon et bon sens et adroit.
en faire jamais. Ah! qu'il est vident au moment de paraitre.
Voulez Dieu de ce sabbat qu'on ne s'ait des suspens de Marie
et d'au de sainte Marie. Digne cette femme. Marie sans comence
une intelligence et son sacrifice. Que la grace de Notre Seigneur
Jesus Christ, L'Amour de Dieu et la communication d'un bon
soit toujours avec son. et une haine-tout son confiance. Tout les
saints d'un de Dieu et de Marie en attendant que nous puissions nous
venir son ensemble. D'un la bienheureux et sainte.
Celle est une sainte. D'un et repose pour la gloire de
Jesus et de Marie.
Le pieux testament spirituel sera remis entre les mains
de Monsieur Collin. Tropicus Général de la Société de Marie.
C'est à Notre Dame de l'Hermitage le Dix huit mai
mil huit cent quarante. en présence des témoins désignés.
L. C. Tropicus et Fondateur
Des Pères de Marie.
Joseph Bruot. Secrétaire
Champagnat
Je supplie humblement tout ceux qui se trouveront avoir écrits
ou scandalisés ou quelque manière qu'ils se sachent par avoir
fait volontairement de la peine à personne. Et surtout ceux qui perdent
en considération de la sainte. D'un et de l'Hermitage
prière sur mission pour servir de bon Dieu qui est Digne. cette les
pêche de son. son pain et recevoir mon Dieu son infirmité
Je vous prie de respect. de reconnaissance. et de communion
plus. Monsieur le supérieur. Général de la Société de Marie et tous
les membres de la Société. Je supplie humblement les saints qui ont
— s'adressent et sur le terrain que le bon Dieu a fait connaître ma
solidité et qui ont toujours été si chers à mon cœur.
Champagnat

(reprodução de uma cópia do final do Testamento que está nos arquivos dos Padres Maristas)



M E M O R I A L

M A R I S T A